Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, Dr. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, Dr. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-technico, GASPAR DE SOUZA

Anno III — N. 105 | DOMINGO, 18 DE MAIO | Numero: 300 réis

CHRONICA

Comprehendo, ás vezes, a resignação fatalista de certos temperamentos, a ausencia absoluta da vontade em alguns povos do vasto formigueiro humano. Para que reagir, para que luctar, se vida, fortuna, esperanças e futuro estão á mercê do primeiro capricho da brutalidade cosmica; se contra essas forças impetuosas, avassaladoras e irresistiveis não ha repulsa, não existe remedio, nem sequer sobrevive a possibilidade de uma liquidação de contas?! O irreparavel, toda uma atroz e desesperadora philosophia encerrada nas cinco syllabas de um vocabulo, na apparencia inocuo, indifferente, sem vibração e sem maldade.

Em uma cidade antilhana viviam, debaixo de um clima propicio á fartura e ao bem estar, vinte e sete mil pessoas, numerosas familias ligadas á metropole, a França, pela tradicção historica, solidarisadas entre si pelas tradicções locaes, pela continuidade das alegrias, dos soffrimentos, do progresso regional, do desejo ardente de doar á patria e ao mundo um novo centro de riqueza e de intelligencia. A gamma inteira dos sentimentos garantia a perpetuação da raça, affirmava o seu direito á vida social e á existencia historica. Contando com a estabilidade do mundo cosmico, a colmeia labutava para adquirir a maxima dose possivel de conforto material e de equilibrio moral. Vinte e sete mil pessoas descontavam, pelo trabalho, o futuro, consoante os seus temperamentos e os seus idéaes. Planejavam-se novas industrias; projectavam-se novas plantações; pensava-se em novos engenhos; ajustavam-se novas uniões promissoras de prole farta e sadia. Ama-se muito nos tropicos e não ha sentimento que em graça e belleza sobreleve ao amor. Assim, pois, a cidade, amparada pelo trabalho e pelo amor, duas forças da civilisação, parecia nada ter que receiar da furia inconsciente da materia.

Na vespera, a colmeia repousou depois de haver ganho honestamente o seu dia. Quem poderia avisar essas vinte e sete mil creaturas do tragico destino que as aguardava? Só Deus e Deus não quiz. O commerciante, ao encerrar os seus livros com a regularidade costumeira, não soube que liquidara definitivamente os seus negocios; o operario, ao recolher ao albergue humilde, nem cuidou que sua miseria houvesse findado; o noivo, ao oscular a fronte da promettida, nem sonhava que esse beijo fosse o da eterna despedida. Nesse meio tempo, diabolicamente sorrindo, o Cyclope, de olho esbrazeado, espreitava a victima.

Esperou que tudo repousasse; deixou que voejassem em torno da innocencia, da candura e da bondade a fantasia e a chimera da ventura; aproveitou infernalmente a hora em que a esperança visita, complacente, o proprio desespero; depois, arcabouçou o thorax e com a raiva, a furiosa raiva com que as forças da materia se vingam das forças da civilisação, despejou um vomito de fogo sobre a cidade antilhana.

Estupidez: tu és sempre identica, ou te chames vulcão ou te chames inveja.

Jacques Bonhomme.

VISCONDE DO RIO BRANCO

Monumento inaugurado na praça da Gloria no dia 13 do corrente, mandado erigir, por subscripção popular, á memoria do illustre estadista promulgador da Lei de 28 de Setembro de 1871. (Phot. Marc Ferrez).

Num tribunal:

Juiz.—Testemunha qual é o seu estado?

Testemunha.—Soffrivel, muito obrigado a v. exª.

FRAGMENTOS

É Ives Guyot quem, no seu muito superficial, mas muito curioso estudo sobre a Hespanha contemporanea (*Evolution politique et sociale de l'Espagne*), affirma que não existe uma raça latina senão no espirito dos homens, o qual, em virtude da necessidade de pôr em ordem as suas idéas, como roupa branca nas gavetas de uma rouparia, deu o nome de *latinos* a um certo numero de povos sobre os quaes a civilisação latina só exerceu afinal a influencia da sua lingua e das suas leis, sem os marcar de um cunho etnico commum.

Essa necessidade do espirito humano de pôr em ordem as suas idéas dá como resultado mantel-as num estado de quietação e — como direi? — de inviolabilidade que conduz a uma grande somma de erros, tanto mais perturbadores quanto mais duradouros são, e aqui temos, por exemplo, o nosso espirito, que é dos mais provados pelo mal das *idéas feitas*.

Demos-nos ao trabalho de investigar sobre que bases repousa a tão estavel e improgressiva intelligencia portugueza e havemos de reconhecer que ella assenta sobre um limitado numero de idéas — falsas. E' falso o criterio que applicamos ao estudo e á apreciação da nossa historia e que baseamos em faceis e incertas generalisações; é falso o juizo que formulamos sobre o nosso genio, pois que o fundamos em apaixonadas e levianas adquirições de um saber incompleto e nas revelações de uma critica impotente para saber ver mais e melhor; é falsa a nossa esthetica que ha cem annos não nos faz dar, por assim dizer, um passo decisivo nem em litteratura nem em arte; é falsa finalmente a concepção fundamental do nosso unico destino, que não vemos, porque não caminhamos, e que não attingiremos talvez nunca, por não saber onde elle está, nem qual seja.

Estamos jungidos ao erro, como bois a uma velha charrua — e eis porque não avançamos um passo.

Leio frequentemente nos jornaes — por exemplo — que certos dos nossos escriptores se distinguem pelo facto de escreverem um portuguez *vernaculo*. Aqui temos um erro que vem passando de mão em mão, como uma moeda falsa, ha longos annos, e que não vem servindo senão para os escriptores escreverem cada vez peor, por um lado, e, por outro, para nós nos aborrecer-mos cada vez mais com a sua leitura.

Com effeito — isto parece-me ser intuitivo — se o escriptor é aquelle que transmitte pela palavra

AUGUSTO SEVERO

escripta idéas e sensações, para que elle o seja é forçoso antes de mais nada que nol-as transmitta numa lingua que esteja em relação com o seu tempo. Que portuguez fallamos nós? — O do seculo XVII? o do seculo XVIII? Não. Pois bem! o portuguez em que escrevemos deve ser aquelle que os nossos antepassados fallaram, como as nossas idéas não são as que elles professaram, como os nossos trajos não são os que elles vestiram.

Mas em litteratura, como em tudo, mantemos o erro de que o culto do passado é uma condição de progresso, quando é precisamente o contrario. O culto do passado é um factor de retrocesso e de improgressão. Começa uma sociedade por escrever arcaico, e acaba por pensar arcaico. Depois, que absurdo! O homem do nosso tempo a exprimir-se numa lingua que envelheceu, como envelheceu tudo o que ella serviu para exprimir! Todavia, este absurdo dá-se. Lança-se mão de uma obra de hoje, feita para nos esclarecer sobre as mais modernas e viçosas idéas dos nossos dias, e encontramol-a escripta num vocabulario que tem seculos. Isto porquê? Porque é necessario, para escrever bem, *manter o culto da lingua*. Daqui uma litteratura impossivel, que enche o mercado de livros que ninguem lê, ou só lê entre bocejos — litteratura feita dos detrictos do velho lexicon portuguez e em que ha de tudo, desde o rigido vocabulario dos chronistas, até á sintaxe affectada da Arcadia.

Mas tambem affirmamos que a lingua portugueza é uma lingua litteraria, o que é outro erro, pois que ella é apenas abundante e rica de vocabulos, o que não significa que seja litteraria. Um idioma de synonimos é o que menos se presta á linguagem litteraria. A lingua portugueza é uma lingua de synonimos. E' uma greda plastica de que se póde fazer tudo, mas de que só uma mão muito habil póde fazer arte. Tal o caso de Camillo, mas tal o caso principalmente de Eça de Queiroz, que só com os recursos da sua admiravel intuição conseguiu requintal-a até a tornar propria para exprimir as mais agudas percepções da idéa litteraria.

Não é vulgar dizer-se que nós, os portuguezes, temos o temperamento aventureiro?

Nada, comtudo, menos exacto.

Os portuguezes são, em tudo, immobilistas e conservadores, adstrictos á terra e só muito singularmente deambuladores. Os do Norte têm esse amor ao *terruño* que lhes faz dizer quando se ausentam do lar: «—Estou fóra de casa.» Estar fóra de casa é estar no Universo, seja a rua do Ouro, ou seja Pekin. Estar fóra de casa é estar mal, no mundo inconstante e incerto, longe da familia e da paysagem natal, ter a tristeza da vida e a *sau-*

ALBATROZ

Na apotheóse immensa do levante
O sol esplende como um globo em chamma;
Por toda a natureza se derrama
A luz sublime da manhã triumphante.

Paira no espaço o albatroz gigante,
Que o genio altivo pelo azul proclama,
Azas abertas, concavas — distante
Do pó e lôdo, podridão e lama.

Mas, de repente a tempestade estala,
O sol se esconde, a escuridão impera,
Como um lugubre véo mysterioso...

No espaço tudo com terror se cala
E o raio com rugidos de uma féra
Fulmina e mata o albatroz glorioso

Ed. Machado.

ANTONIO FELIX

Poeta e litterato fallecido em Nictheroy a 7 do corrente.

A POLITICA EM PORTUGAL — A actualidade — A questão dos credores externos

(Caricaturas de Celso Herminio, não publicadas em Portugal, feitas expressamente para a *Revista da Semana*)

Situação de Portugal — á mercê da hyena da especulação politica dos governos, amarrado aos impostos, amordaçado pela censura á imprensa e varado pelo sabre policial!

PORTUGAL E A OPERAÇÃO... FINANCEIRA DO CONVENIO

O ministro da fazenda: — Agora só faltam estas bichas dos *mais impostos* na bocca do estomago; daqui a pouco pode andar pelo seu pé, e levantar-se no cambio.

1 — Presidente do conselho de ministros. 2 — Conselheiro Carrilho, que negociou no estrangeiro o convenio. 3 — Ministro da fazenda.

ESTADO DO PARANÁ — Differentes vistas de Villa Velha — Ponta Grossa

dade, soffrer, chorar. Como os do Norte, os do Sul são sempre timidos e receiosos, têm horror á aventura e fogem lhe como a um grande perigo.

Em toda a minha vida, alem do Alpedrinha do romance de Eça, só conheci dois portuguezes aventureiros — Antonio Infante e Antonio d'Albuquerque.

João Chagas.

ABANDONADO

L'animal dit : — «Timonier? —
E il's moi vit monter l'aumônier! »
L'aumônier n' fut pas long á v'nir
Avec tout c' qui faut pour bénir
E nous dit face au pauvre mourant
La prière des agonisants!

(YANN NIBOR — *Les Albatros*)

HOMEM ao mar! Homem ao mar!

E o grito doloroso, partindo da prôa, écoava desoladamente sobre a tolda do couraçado, que as ondas sacudiam em vaivens, no seu dorso espumoso. Bategas d'agua consecutivas cahiam em cordas, em meio ás rajadas indomitas, assobiando pelos cabos furiosamente. Uma nevoa muito densa encobria o convez, as amuradas, os mastros, rolando em grandes pastas pardacentas. Do mar em desordem, só se viam os rendados gigantescos de espuma, que alagavam o costado quando embatiam os vagalhões desfeitos. E uma

symphonia atroadora dominava tudo, silvando e reboando, num estranho concerto.

Mas o grito explodia em direcção á ré, afogado, despaçado pelo fragor da tormenta.

E só quando toda a guarnição, já em cima, repetiu o mesmo brado, num côro de trezentas vozes afflictas, é que o official de quarto, de pé no passadiço, junto ao homem do leme, ouviu, como um debil som esmorecido, o éco lastimoso que o cyclone abafava ainda no seu clamor tremendo.

Nesse instante, o guardião e outros marinheiros, subiam precipitadamente a escada, a dar parte do sinistro.

Fôra um cabo-marinheiro que o mar levara do gurupés, numa caturrada terrivel. Estava a ferrar as velas de prôa com seis camaradas, e ia galgar o estribo da giba, para fugir á montanha d'agua que vinha sobre o beque na occasião em que o navio descia no jazigo da vaga, quando aquella rebentou de repente. Os seis homens tinham sido impellidos contra o molinete, ficando todos feridos. Mas o cabo-marinheiro ninguem o vira mais, arrebatado pelo torvelinho...

O official, inquieto, foi até á amurada, investigando o mar em volta, sob o nevoeiro; e tornando após, agarrado aos varões grossos de metal por causa dos balanços continuos, ordenou que safassem promptamente os escaleres e os salva-vidas, ao mesmo tempo que expedia o guardião a dar parte ao commandante de todo o occorrido.

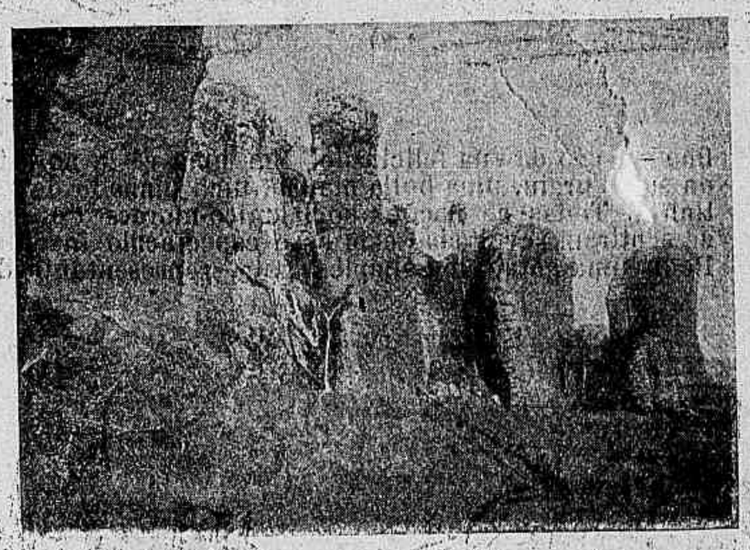
Os marinheiros desceram logo e, momentos depois, o commandante e demais officiaes subiam ao passadiço. Novas ordens soaram, de envolta com apitos silvantes, cruzando a coberta, sob o cyclone bravio.

E como o casco pesado não podia manobrar debaixo da capa em que ia, a uma voz do commando, foram lançados ao mar, presos de longos cabos de Cairo, os grandes discos salva-vidas.

Marinheiros, ás bordas, investigavam as ondas em roda, a vêr se deparavam o naufrago ou se ouviam algum grito, emquanto outros, á prôa, preparavam os escaleres, numa faina vivissima.

As vagas, porém, não cessavam de alagar o navio, rolando contra elle serras de vagalhões, que interrompiam as manobras, desfaziam tudo, com a sua colera impassivel. O primeiro escaler que boiou, uma volta de mar carregou-o numa corôa de espumas. Isto desesperou a rude marinhagem que, furiosa, na labuta incessante, praguejava e maldizia-se, ao mesmo tempo que invocava o céo com fervor, fazendo promessas piedosas á Senhora da Bonança.

Valerosamente, de novo, á voz do official, a guarnição atirou-se ao outro bordo, onde ás ondas quebravam com menor impulsão. E, acautelado tudo, um segundo escaler arriou-se, tripulado por dez homens. Mas apenas se afastara umas braças, atravessou ás vagas quasi sossobrando. Os marinheiros aproaram então ao navio, onde, em confusão tumultuosa, no meio da atracação



difficilima, se lhes jogaram cabos, para salvar-lhes a vida. E mais este escaler foi levado na crista espumosa das vagas... Agora, todos, a bordo, permaneciam hesitantes. Officiaes e guarnição não sabiam o que fazer ante o furor do oceano. O commandante, no emtanto, velho marujo bretão, não trepidava um momento, e, mandando safar com presteza vergas e mastaréos sobresalentes que vinham no porão, ordenou se fizesse uma jangada e se lançasse ás ondas. E voltando-se para os officiaes, dizia, referindo-se ao pobre cabo-marinheiro:

— Se elle ainda vive, terá ao menos um pedaço de taboa para se agarrar até que o tempo amaine...

E cada qual voltou ao seu posto, ficando apenas de vigia os grumetes e marinheiros de ronda.

Quando a jangada foi jogada da borda, suspendia o nevoeiro. As bategas d'agua diminuiam e já se via em redor o desdobrar rhythmado dos vagalhões. Pouco a pouco tambem, a planura do mar começou a desnudar-se, na sua deserta, infinita amplidão. E á claridade frouxa do sol, já descendo no poente, de bordo do couraçado, todos puderam vêr com profunda tristeza, boiando além,

pela pôpa, sob uma nuvem de albatrozes voejando em torno, um pequeno ponto negro.

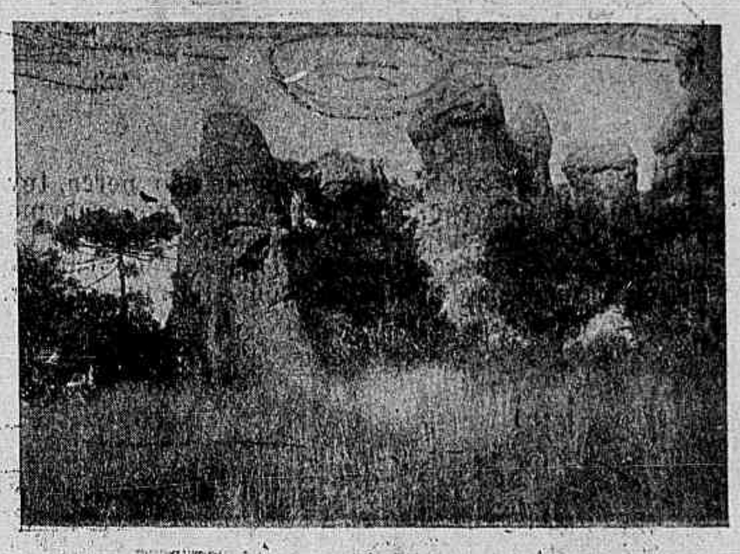
Era o infortunado marujo, que lá se debatia no esforço derradeiro.

Mas o navio corria ainda á capa e todo o soccorro era baldado.

O commandante, outra vez no passadiço com toda a officialidade, mandou arvorar na enxarcia uma grande bandeira branca, como um triste signal de despedida ao infeliz companheiro, ao mesmo tempo que no mastaréo da gavea, pendia, á meia haste, funerariamente, o glorioso pavilhão francez.

Em seguida, a guarnição formou ás amuradas, na tolda e pelo tombadilho, voltados os rostos abatidos de dôr para o ponto negro longinquo, que os albatrozes cercavam corvejando em torno.

Chamado o capellão, que tomou lugar no passadiço, ao lado do commandante, paramentado

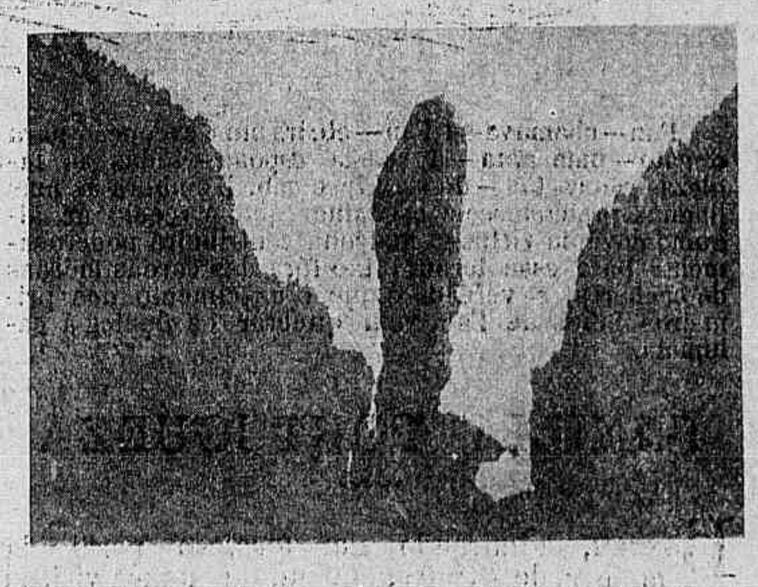


com as insignias sagradas e tendo um grande Christo de prata suspenso bem alto nas mãos, como para ser visto pelo naufrago — entrou a rolar sobre as vagas, de envolta com os uivos do vento, numa tristeza inexprimivel, a prece dos agonisantes.

Uma desolação plangentissima pesou, de repente, mais forte, sobre aquelles corações varonis, afogando-os numa ancia. Alguns marinheiros soluçavam, outros tapavam o rosto com as mãos, emquanto em cima, no passadiço, commandante e officiaes, cercando em silencio o sacerdote, tinham os olhos arrazados de pranto.

Por momentos, então, muito alto e solemne, nos dedos tremulos do padre, o grande Christo de prata dominou o oceano, sob o murmurio da oração santissima, por entre o silvar rijo do vento e o desdobrar marulhoso das ondas.

No emtanto, muito longe, pela pôpa, no crepusculo cinzeiro da tarde em tormenta, acompanhado dos albatrozes grasnantes, o ponto negro



fugia, fugia, a boiar sobre as aguas, como um estranho enterro...

Rio — 1897.

Virgilio Varzea.

LEI FATAL

A vida, esse acordar de um pesadelo bruto,
Abre-se para nós assim como um porta
Ampla, cheia de luz. Penetramos; que importa
Que ella nos leve á Dor, que nos conduza ao luto?

Pudessemos fugir n'um gesto resoluto!...
Cobardes, tanto mais a Idéa nos conforta,
Temos que obedecer, como uma cousa morta,
A essa absoluta Lei, ao destino absoluto.

O que vale o Prazer? Phantastica chimera
Com esgares de *clown* e risos de innocencia,
Se anda a seguil-o a Magua — essa medonha féra

E havemos de seguir, sem bussola e sem norte
Nessa róta fatal que se chama Existencia,
Como um triste galé, em caminho da Morte!...

Antonio Felix.

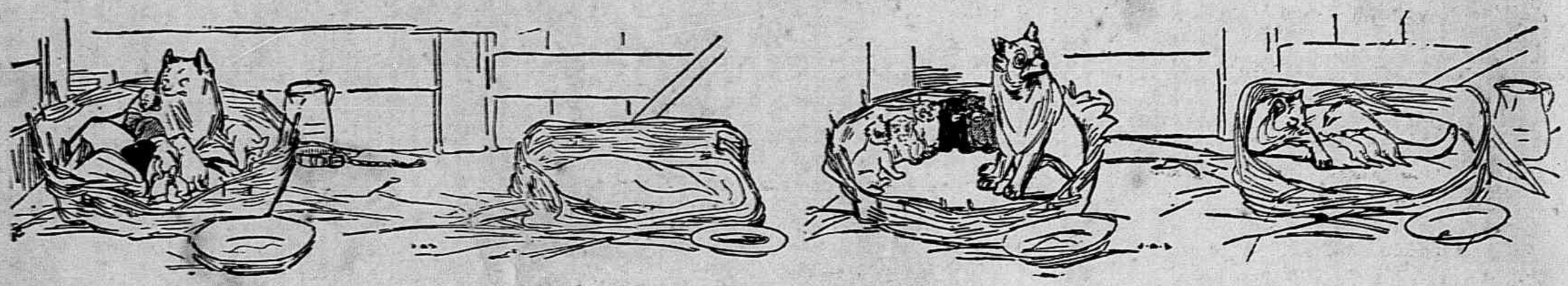
— Patrôa, quanto devo?

— Cinco meios litros.

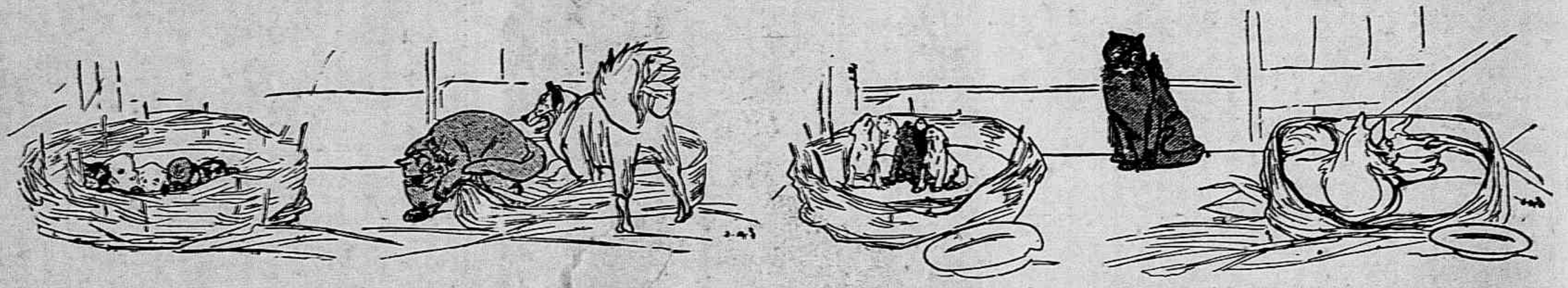
— Não póde ser. Não me cabem no corpo mais de quatro.

— Bem: quatro que tem no bucho e um que lhe subiu á cabeça, são cinco.

A ARCA DE NOÉ EM CARICATURA



Um tal sr. Lipscomb, que pelo nome não perca, teve em tempos uma cachorra pomerania, não sabemos se «por linha varonil e sempre pura» se bastarda. Era intelligente, faceira, astuciosa, mas o traço caracteristico da sua «personalidade» consistia num odio in-



transigente, irreconciliavel, feroz, a todos os gatos — excepto um — e na mania gaticida só contentavel com o exterminio da especie. Para encurtar razões: a cachorra do sr. Lipscomb era o Kitchener dos gatos da visinhança.

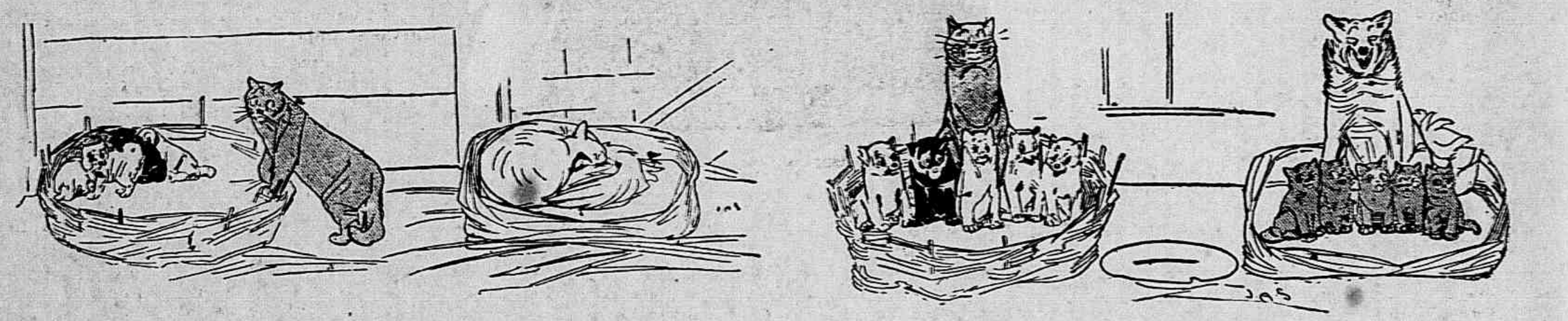
Nos primeiros dias, o orgulho e prazer de Fan não conheceram limites e ella propria confessou a todos os seus amigos e relações da visinhança que se julgava a creatura mais feliz deste mundo. Mas breve uma nuvem, uma pesada nuvem, veiu toldar — estylo céo da sua felicidade. Em uma cesta ao lado surgiu, uma bella manhã, uma ninhada de gatos. Todas as nações socialogico-moraes de Fan atiram revoltadas com esse espectaculo insolito. a uma gata, uma simples gata, representante da

angustiosos dos cachorrinhos sem mãe. Era de cortar o coração!

De repente, pelo olhar da gata perpassou um clarão de triumpho e os bigodes hericaram-se-lhe significativamente. Fan, feita um novello, adormecera sob a meiga caricia dos recemnascidos. Ao lado, os cachorrinhos orphãos continuavam a ganir, num desespero que mettia dó. Porque não aproveitar o ensejo da desforra que estava alli, a dois passos, immediata, tremenda, absoluta? Se a vingança é o prazer dos deuses quanto mais dos gatos!... Olho por olho dente por dente, fractura por fractura. «E's mãe dos meus filhos; sel-o-ei dos teus!»

E no dia seguinte, o sol, ao inundar a quadra com a sua triumphal symphonia de luz, deparou com um espectaculo sigular: a reconciliação das duas mães, baseada na troca mutua dos filhos.

E assim foi até que cachorros e gatos attingiram a maioridade.



Fan — chamava-se Fan — abrira uma excepção para o gato — uma gata — da casta esposa — todas as inglezas são castas — do sr. Lipscomb. E embora as más linguas pretendessem assoalhar que o receio de alguma sova da virtuosa matrona contribuira poderosamente para essa ternura tão fóra das cordas moraes da cachorra, a verdade é que o nascimento dos primeiros filhos de Fan veiu quebrar os dentes á calumnia.

mais plebeia e execravel das especies, possuir tambem uma familia? Nunca! E, perdendo a cabeça, num assomo de santa indignação, correu á cesta visinha e escorraçou a sua audaciosa rival.

Desolada, mas impotente — a força é a *ultima ratio* da Civilisação — a gata mirava com tôrvo e magoado aspecto o esbulho violento de que fôra victima, ouvindo o glu-glu contente dos gatinhos e os gemidos

FAMILIA PORTUGUEZA

Hontem, admirando um formoso perfil da mulher de Avintes, alguem, que nunca visitou a pequenina mas carinhosa terra portugueza exclamou, os labios entreabertos num meio sorriso de duvida:

— Mas lá tem disto?

Não extranhei a pergunta. De muita gente sei, nada e creada das bandas de além, que por nunca haver respirado o ar purissimo da paizagem portugueza avalia as rijas e lindas mocetonas da aldeia pelos exemplares chloroticos e doentios das meninas troca teclas e paladinas do *Noivado do Sepulchro*.

A esses dou francamente razão pois não prima nas graças da belleza a classe cidadã do velho Portugal. Mas, como desforra de mestre a essa justificada critica, que esplendida galeria fornece á inspiração e á technica do estatuario e do pintor a vida provincial, serra abaixo, serra acima — ao longo das devezas verde esmeralda, dos milheiraes de ouro fosco, do carrascal bravio, dos valles pintalgados a malmequeres e papoulas, numa successão farta de tons, de matizes e de caprichos de luz e côr, desde as courellas ajardinadas do Minho até ás planuras berberes do Algarve, transpondo as serranias da Estrella e repousando docemente o olhar no tapete avelludado das lezirias.

Ah! desafortunados que nunca passastes por Ilhavo e Aveiro, dansastes em Coimbra nas fogueiras de S. João ou abraçastes a cintura de uma moçoila da Maia! Eu vos lamento deveras, porque ao balanço da vida vos faltará parcella não pequena de encantos. Boccas que parecem morangaes, colletes modelando seios que Phydias não desdenharia copiar, cinturas que por um triz se quebram num rodopio de bailarico, cabellos que servem de sombra quando falta a das carvalheiras, olhos de pegar fogo nas almas, dentinhos brancos de fazer desmaiar as perolas e tudo isto triumphando num hymno heroico á Saúde, á Castidade e á Belleza.

E dahi talvez o João de Deus tenha razão:

Estes primeiros amores
Que no mundo toma a gente
Não sei que doçura têm
Que duram eternamente.

Manuel.

MUSICOS CELEBRES

SULLIVAN

CHAMINADE

WAGNER

O prefeito do Sena, promotor do ultimo concurso de brinquedos em Paris, acceitou a idéa do grande pintor Edouard Detaille e proporá brevemente ao Conselho Municipal de Paris uma exposição permanente de taboletas, de modo a dar ás grandes arterias parisienses um caracter mais pittoresco e desenvolver no publico parisiense o gosto artistico.

O concurso será accessivel aos pintores, esculptores, gravadores, architectos, operarios artisticos e industriaes. As taboletas ficarão sendo propriedade dos seus autores mas poderão, a municipalidade ou o commercio, adquiril-as mediante condições previamente estipuladas e rasoaveis. Tambem serão admittidos os simples projectos.

Sobe a 15.000 francos a importancia dos premios a distribuir.

A celebre collecção de porcelanas de M. James A. Guarland, conhecida no mundo inteiro e exposta dez annos a fio no Metropolitan Museum of Art, de New-York, acaba de ser adquirida por 600.000 dollars, mais de tres milhões de francos, pelos srs. Duveen, os grandes conhecedores e peritos de Londres.

Mme. Rudel du Miral, fallecida no seu castello de Villeneuve, em França, deixou aos cardeaes Richard, Arcebispo de Paris e Langénieux, Arcebispo de Reims, um capital cuja renda será usufruida pela Sociedade dos artistas francezes e applicada aos pintores pobres, edosos, doentes ou invalidos.

Mme. Gallimard, fallecida em Paris, deixou tudo quanto possuia — 24.000 francos de renda e uma villa em Montigny-lès-Cormeille — á fundação Taylor, destinada a auxiliar as moças pobres com aptidões artisticas.

OS THEATROS

Os nossos « Theatros » de hoje são consagrados á *Ceia dos Cardeaes*, a gemma de finissimo lavor, filagranada por Julio Dantas. E' justa a homenagem, justissima e pena é que não possamos prestal-a ainda mais completa.

E, para fechar com chave de ouro, damos, em seguida, as delicadas estrophes do cardeal portuguez, definindo o amor em Portugal:

CARDEAL GONZAGA, *como quem accorda, os olhos cheios de luz, a expressão transfigurada*

Em quanto é differente o amor em Portugal!
Nem a phrase subtil, nem o duéllo sangrento...
E' o amor coração... E' o amor sentimento...
Uma lagrima... Um beijo... Uns sinos de tocar...
Um parsinho que ajoelha e que se vae casar...
Tão simples tudo! Amor que de rosas se inflora...
Em sendo triste, canta, em sendo alegre, chora!
O amor simplicidade, o amor delicadeza...
Ai, como sabe amar, a gente portugueza!
Tecer de sol um beijo, e desde tenra edade
Ir nesse beijo unindo o amor e a amizade,
Em uma ternura casta e em uma estima sã,
Sem saber distinguir entre a noiva e a irmã...
Fazer vibrar o amor em cordas mysteriosas,
Como se em communhão se entendessem as rosas,
Como se todo o amor fosse um amor sómente...
Ai, como é differente! Ai, como é differente!

CARDEAL RUFO

Tambem vossa Eminencia amou?

CARDEAL GONZAGA

Tambem! Tambem!
Pode-se lá viver sem ter amado alguem!
Sem sentir dento d'alma — ah, podel-a sentir! —
Uma saudade em flôr, a chorar e a rir!
Se amei! Se amei! — Eu tinha uns quinze annos apenas.
Ella treze. Um amor de crianças pequenas,
Como uma nuvem d'ouro ao abrir da manhã...
Era minha priminha. Era quasi uma irmã...
Bonita não seria... Ah, não... Talvez não fosse...
Mas que profundo olhar, e que expressão tão doce!
Chamava-lhe eu, a rir, a minha mulhersinha...
Nós brincavamos tanto! Eu sentia-a tão minha!
Toda a gente dizia, em pledo povoado:
« Não ha noiva melhor para o senhor morgado,
Nem em capella antiga ha santa mais santinha...»
E eu resava, baixinho: E' minha! E' minha! E' minha!
Quanta vez, quanta vez, cansados de brincar,
Ficavamos a olhar um para outro, a olhar,
Todos cheios de sol, offegantes ainda...

N'uma grande expressão de dôr

Era feia, talvez, mas Deus achou-a linda...
E uma noite, a minha alma, a minha luz... morreu!

N'uma revolta angustiosa

Deus, se m'a quiz tirar, p'ra que foi que m'a deu?
Para que! Para que!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *ao vel-o erguer-se, amparando-o*

Oh! Eminencia...

CARDEAL RUFO, *curvando-se, tambem para o amparar, commovido*

Então!

CARDEAL GONZAGA

Ai! Pois não via, Deus, que eu tinha coração?

CARDEAL RUFO

Eminencia!

CARDEAL GONZAGA, *cahindo sobre a mesa, a soluçar*

Não via! Ai, não via! Não via!
Cuidou que d'um amor outro amor refloria,
E matou-me... E matou-me!

Barytono JOÃO AYRES

CARDEAL DE MONTMORENCY

Eminencia...

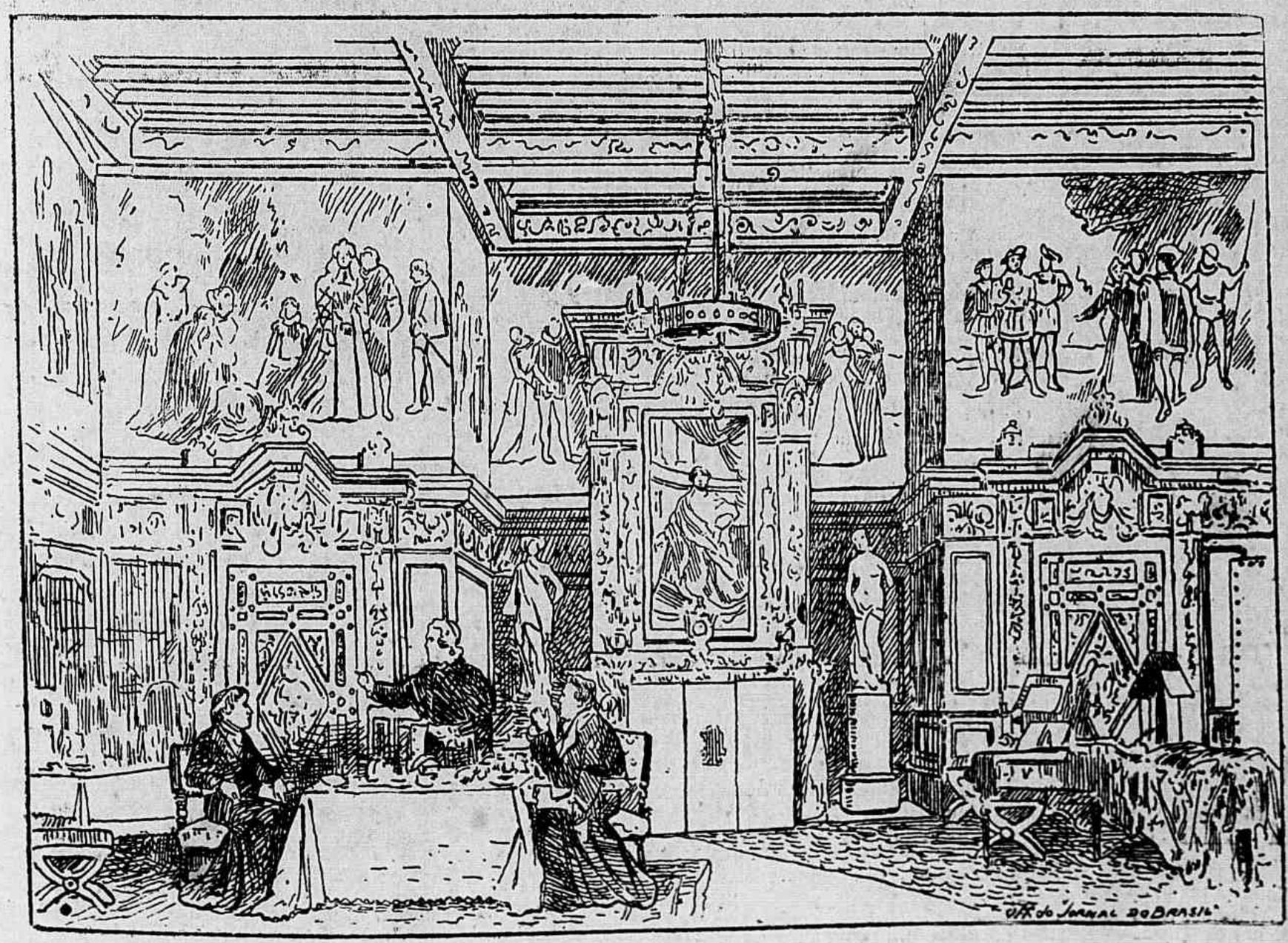
CARDEAL GONZAGA

Afinal,
Foi esse anjo ao morrer que me fez cardeal!
E eu hoje sirvo a Deus, a Deus que m'a levou...

CARDEAL RUFO, *a* DE MONTMORENCY, *limpando uma lagrima fugitiva, emquanto as 11 horas soam no Vaticano*

Foi elle, de nós tres, o unico que amou!

Cáe o panno, lentamente.



LISBOA — Theatro D. Amelia — *A Ceia dos Cardeaes* — Uma das scenas.

OS GALLEGOS

Passou-se esta historia no tempo em que havia em Lisboa a Alegria de Baixo.

A praça da Alegria de Baixo era naturalmente por baixo da praça da Alegria de Cima, isto é, no fim do Passeio Publico, onde desembocava a rua das Pretas.

Nessa praça da Alegria havia uma casa de malta onde dormiam doze gallegos, que eram os gallegos da bomba, cuja casa era ao lado.

Na vespera tinha havido um grande fogo, e á chamada da bomba tinha faltado um gallego, e, por isso, nesse dia, ao levantarem-se da tarimba, os gallegos, cheios de prudencia e de bom senso, resolveram fazer entre si a chamada para que não lhes tornasse a acontecer a partida do dia anterior.

E, apenas se levantaram, pozeram-se todos em linha, e um, o capataz, começou a conta:

— 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11.

Eram doze, faltava um.

Tornou a contar, outra vez, onze.

— Falta um!

— Nada, num póde *xer*, observa outro gallego. Quando nos deitamos, estavamos todos, ninguem sahiu.

— *Habemos* de estar todos. *Baia.*

E contou:

— 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11.

E todos os doze que estavam presentes foram contando successivamente apontando com o dedo; mas, como o que contava não contava com a sua pessoa, faltava sempre um, eram sempre onze, apenas onze!

— Démo! falta um! Onde estará elle mettido!

Procuram por baixo das tarimbas, dentro das caixas e nada.

Um delles teve uma idéa luminosa.

— Talvez caisse ao poço do pateo!

— Talvez! concordaram todos.

E foram ao pateo espreitar o poço.

O primeiro que espreitou viu lá dentro o seu vulto espelhado na agua e gritou:

— Lá está elle! Lá está elle! Está no fundo!

E cada um por sua vez subiu ao poço, olhou para dentro, viu no fundo o seu vulto e convencidissimo de que estava lá o gallego que faltava.

O que se ha de fazer? O que se ha de fazer? O essencial, o indispensavel, era salvar o patricio.

Mas como ir lá ao fundo buscal-o?

Pensaram, meditaram, cogitaram e por fim o capataz, na qualidade de chefe, teve idéa de realizar a cousa.

— Eu penduro-me para dentro do poço e seguro-me ao parapeito; um de *bocês* segura-se ás minhas pernas e pendura-se tambem, outro pendura-se nas pernas desse, e assim, formando uma corda, nós onze chegamos ao fundo do poço.

— Está dito! Mãos e pernas á obra!

O capataz agarrou-se ao parapeito e pendurou-se para dentro do poço, outro agarrou-se ás pernas delle e assim successivamente.

Quando estavam já todos pendurados e o ultimo chegava com os pés á agua, o capataz, o primeiro, que estava cá em cima, agarrado ao parapeito do poço e sustentando nas pernas aquella pendureza de gallegos, suava em bica, já não sabia de que terra era com o peso.

E, sentindo que as mãos estavam a escorregar-lhe do parapeito, tomou uma resolução heroica e, debruçando-se para os gallegos que estavam pelo poço abaixo, preveniu-os:

— O' rapazes! agora aguentem-se um bocadinho, que eu vou cuspir nas mãos.

E tirou as mãos do parapeito e aquella enfiada de gallegos baldeou toda dentro do poço, á procura do gallego que lá não estava.

Gervasio Lobato.

— Não tenho nenhuma confiança nos banhos do mar, dizia Calino. Tive um amigo que foi victima delles.

— Como? O que lhe aconteceu?

— Muito simples... morreu afogado.

OS POBRESINHOS

Pobres de pobres são pobresinhos,
Almas sem lares, aves sem ninho...

Passam em bandos, em alcateias,
Pelas herdades, pelas aldeias.

E' em novembro, rugem procellas...
Deus nos acuda, nos livre dellas!

Vêm por desertos, por estevaes,
Mantas aos hombros, grandes bornaes.

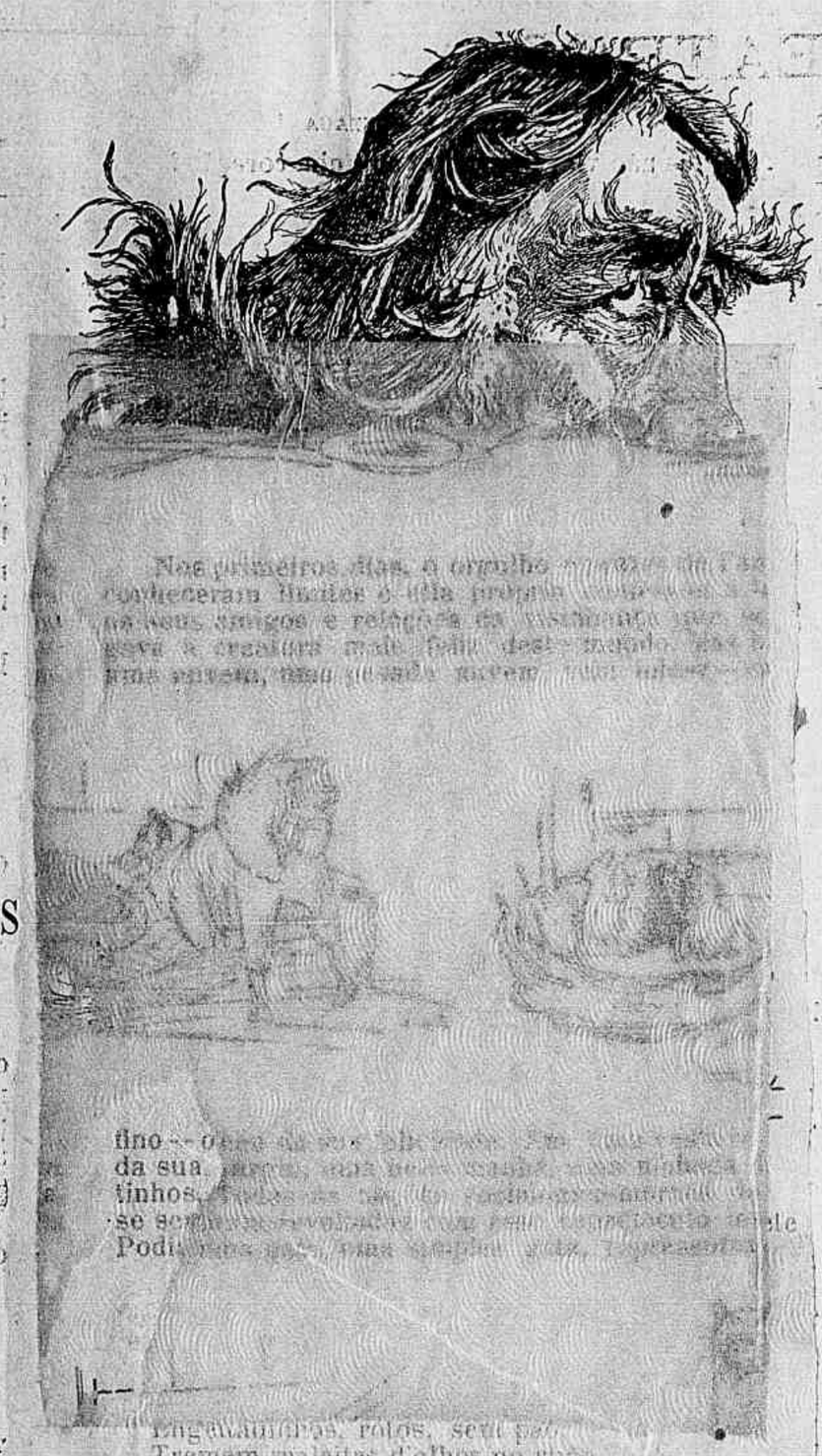
Como farrapos, coisas sombrias,
Trapos levados nas ventanias...

Filhos de Christo, filhos de Adão,
Buscam no mundo codeas de pão!

Ha-os ceguinhos, em trevas densas,
D'olhos fechados desde nascença.

Ha-os com f'ridas esburacadas,
Roxas de lyrios, já gangrenadas.

Uns de voz rouca, grandes bordões,
Quem sabe lá se serão ladrões!...



Engeitadinhos, rotos, sem pa[illegible]
Tremem maleitas d'olhos no chão...

Campos e vinhas... hortas e [illegible]
Ai, que ditosos os lavradores!

Olha, fumegam tectos e lare[illegible]
Fumo [illegible] branco, [illegible]

Batem ás portas, erguem-se a[illegible]
Choram meninos, ladram os cães...

Resam e cantam, levam a esmola,
Vinho no bucho, pão na sacola.

Fructa da horta, caldo ou toucinho,
Dão sempre os pobres a um pobresinho.

Um que tem chagas, velho, coitado,
Quer ligaduras ou mel-rosado,

A outro, promessa feita a Maria,
Deitam-lhe azeite na almotolia.

Pelos alpendres, pelos curraes,
Dormem deitados como animaes.

Em caravanas, em alcateias,
Vão por herdades, vão por aldeias...

Sabem cantigas, oraçõesinhas,
Contos d'estrellas, reis e rainhas...

Choram cantando, penam rezando,
Ai, só a morte sabe até quando!

Mas no outro mundo Deus lhes prepara
Leito o mais alvo, ceia a mais rara...

Os pés doridos lh'os lavarão
Santos e santas com devoção.

Para laval-os, perfumaria
Em gomil d'ouro, d'ouro a bacia.

E embalsamados, transfigurados,
Tunicas brancas, como em noivados,

Viverão sempre na eterna luz,
Pobres bemditos, amen, Jesus!...

Guerra Junqueiro.

MAXIMAS E PENSAMENTOS

As crianças são as bonecas dos velhos.

—

E' curioso! Toda a gente tem «os seus pobres»: só os pobres não têm alguem.

—

Os habitos subjugam a nossa vontade como os habitantes de Liliput manietavam Gulliver.

O homem não póde passar sem os outros animaes e os outros animaes passam perfeitamente sem o homem.

—

Dos fructos revolucionarios, os inglezes preferiram a liberdade e os francezes a egualdade.

—

Para que preoccupar-se com a divisão dos partidos e as differentes «nuances» da opinião? A sociedade divide-se naturalmente em dois grandes grupos: os que comem e os que querem comer.

—

A alegria do homem conserva a belleza da mulher.

—

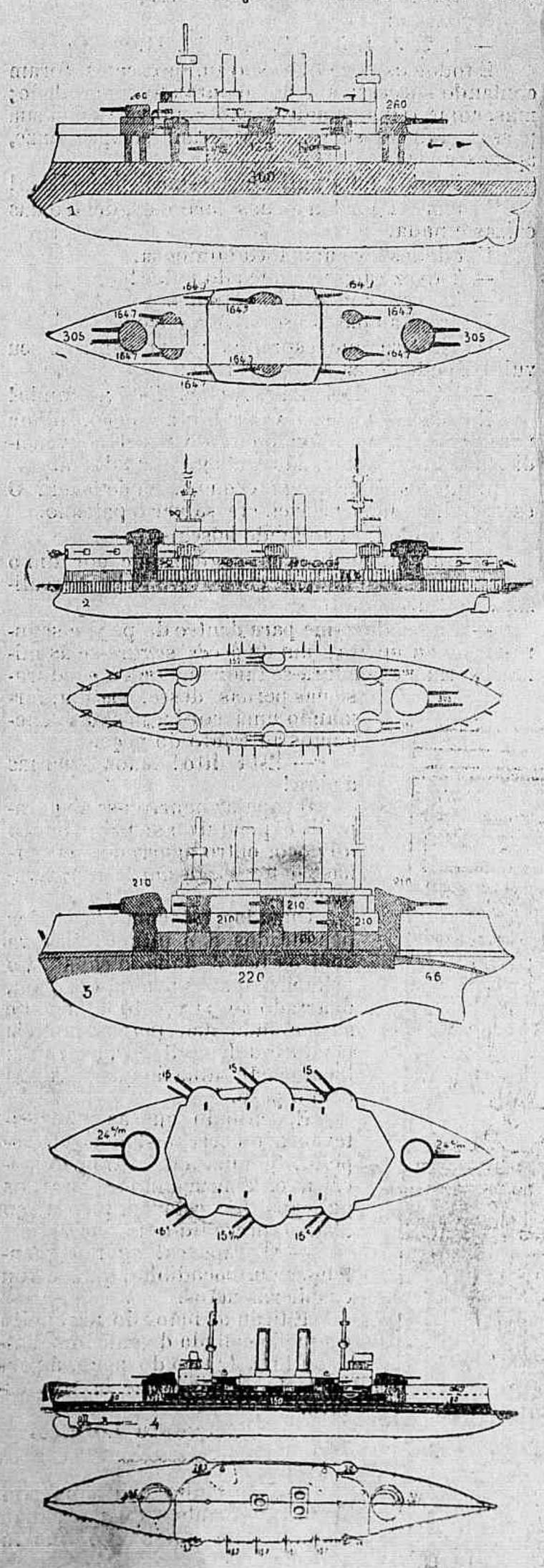
O homem que desposa a amante cospe no copo antes de beber.

—

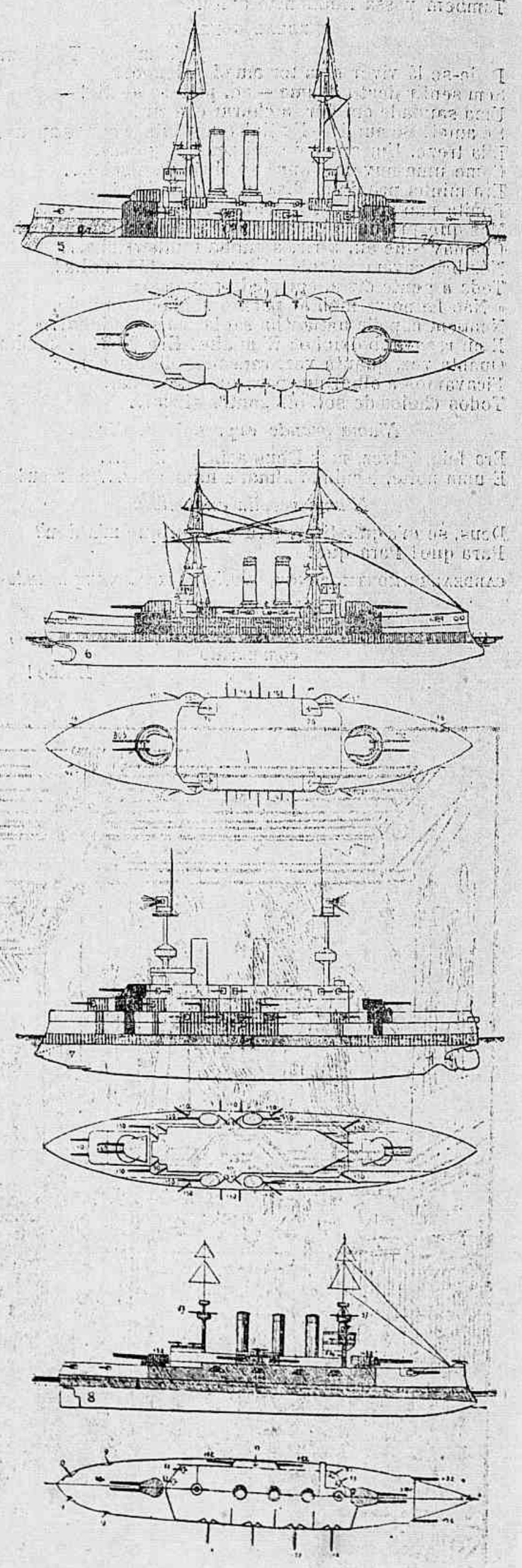
Uma mulher de carne e osso custa em Paris um dinheirão. A parisiense sobe approximadamente a quinhentos mil francos o metro.

Aurélien Scholl.

OS COURAÇADOS MAIS PODEROSOS DAS PRINCIPAES MARINHAS



1 — *Suffren*, França, 12. 730 toneladas, 18 nós. **2** — *Borodino*, Russia, 13. 600 toneladas, 18 nós. **3** — *Arpad*, Austria-Hungria, 8.430 toneladas, 18 nós 5. **4** — *Benedetto Brin*, Italia, 13. 420 toneladas, 20 nós 5.



5 — *Duncan*, Inglaterra, 14.000 toneladas, 19 nós. **6** — *Mikasa*, Japão, 15.200 toneladas, 18 nós 5. **7** — *Wittelsbach*, Allemanhã 12.000 toneladas, 19 nós. **8** — *Maine*, Estados Unidos, 12.500 toneladas, 18 nós 5.

OS BILHARES

O bilhar é um jogo patricio: e tem fanaticos em todo o mundo. Em Paris, então, os amadores do bilhar são aos milhares. E abundam tambem os profissionaes, entre os quaes avulta, como é geralmente sabido, Vignaux, o grande campeão da França, o formidavel adversario do norte-americano Slonson.

Todos os dias chegam a Paris, de todas as nações, amadores de bilhar que vão aperfeiçoar-se com os grandes mestres. E não raro effectuam-se sessões, em que estes se batem, sob as vistas, não de uma centena, mas de um milhar e mais de espectadores, não menos interessados, não menos febris, não menos emocionados do que os fanaticos das corridas de cavallos.

Ainda ha pouco se realizou uma d'essas sessões, no salão das festas do Grand-Hotel, disposto em amphyteatro, tendo ao centro o bilhar onde se deu o combate e, em redor, as bancadas, todas occupadas au *grand complet* por mais de mil pessoas, entre ás quaes grande numero de damas.

Das paredes pendiam quadros annunciando que eram prohibidas as apostas. Isso, porém, não impediu que, como sempre, se apostasse rijamente, em particular e em voz baixa, attingindo o total desses pareos muitos milhares de francos.

Batiam-se, numa partida de 500 carambolas, Vignaux, o leão do bilhar, como lhe chamam os seus fanaticos, e Cure, seu discipulo, uma das mais decididas vocações, uma das habilidades mais raras — moço, ardente, elegante, audacioso. E antes de se apresentarem os dois adversarios já havia na sala uma desusada animação, pairava a anciedade que precede os grandes acontecimentos, parecia tratar-se da *prémiére* de alguma peça do grande Hugo, nos bellos tempos das luctas do romantismo.

Nove e meia da noite. Vignaux e Cure apresentam-se, vestindo correctamente a casaca, tranquillos, serenos, sorridentes. Abre-se uma garrafa de champagne. Vignaux, quando joga, só bebe champagne. Os dois adversarios despem as casacas e, em mangas de camisa — visto que o bilhar é incompativel com a casaca — começam o torneio.

Vignaux leva a deanteira; em certa altura, o marcador annuncia-lhe uma superioridade de cento e cincoenta carambolas. Mas Cure não dorme. Em duas ou tres series alcança o adversario e passa-lhe adiante. Vignaux vinga-se bebendo varias taças do seu champagne. Faltam-lhe cem. Começa a serie. Todo o mundo crê que terminará alli a partida. Mas o taco do grande mestre atraiçôa-o. E Cure remata a partida numa serie gloriosa, brilhantissima.

Rebôam applausos doidos, emquanto Vignaux, um pouco nervoso, emborca a sua ultima taça de champagne. Mas é tambem muito comprimentado, ao tempo que varias senhoras cercam o vencedor, o felicitam, o abraçam.

Oh, o prestigio da gloria!

Um fallador apostou estar calado duas horas. Mal tinham decorrido quarenta minutos, exclamou, triumphante:

— Ah! metade da prova já está passada!

O VESTUARIO

O vestuario representa um bem para a saúde, porque é um anteparo que o homem colloca entre si e o meio externo, estando apenas em contacto com elle pela cara e pelas mãos. A não ser nos paizes selvagens, em que se usa apenas uma peça que, pelo pudor, cobre os orgãos genitaes, em todos os paizes civilisados o homem occulta-se de dia pelo vestuario, de noite pela cama.

O vestuario tem um papel importante, porque é uma especie de alfandega que fiscalisa o commercio thermico entre o calor interno e o calor externo.

E' muito importante, principalmente pelo que respeita aos paizes extremos, muito rigorosos pelo calor ou pelo frio, e tão importante que houve outrora discussões a este respeito e opiniões antagonicas.

Effeitos pathogenicos derivados da cor das vestes. A mesma substancia varia de irradiação conforme a côr. Todos conhecem da physica a experiencia do cubo de Leslie, em que, conforme a face que irradia o calor, a temperatura é maior ou menor.

Assim, uma fibra de algodão, de lã, corada de preto, de branco, ou de uma côr intermedia, como por exemplo o azul, irradia differentemente. O instincto popular já tinha descoberto isto, e mais do que os homens o sabem, sabem-no os animaes que mudam de côr conforme a estação, e, se são emigrantes, a mudam conforme o clima.

Em geral podemos dizer que, quanto mais fria é a zona ou a estação, tanto mais tende para branco a *libré* do animal, como se diz em linguagem zoologica. Assim o urso branco é dos polos, nos paizes quentes é negro, havendo todas as transições entre as duas côres.

E' curioso que ainda hoje haja opiniões oppostas acerca da côr do vestuario que devemos usar nos climas quentes ou frios, no verão ou no inverno.

Nos tropicos o que nos incommoda é o excesso de calor, e portanto devemos cobrir o corpo com uma substancia branca, porque tem a propriedade de evitar a entrada do calor. Por outro lado ahi os animaes não são brancos, são até muito corados; o que nos diz a natureza é o contrario do que nos diz a physica.

O problema do vestuario do homem em qualquer ponto do globo é na maioria dos casos o de não deixar sahir calor de si. E comprehende-se que, se nós estamos sempre a fazer calor, comendo e respirando, o não devemos deixar sahir, e tanto mais que o homem está a maior parte das vezes em temperaturas inferiores á sua, que é de 37° na axilla, e 38°, mesmo 39° no sangue.

Imaginemos um foco de calor a 38° e uma athmosphera em volta a temperatura mais baixa, é claro que, pela lei do equilibrio movel da temperatura, sae calor do foco; pois é o mesmo que em geral succede ao organismo humano. Para evitar que saia calor de dentro, devemo-nos vestir de branco, porque é a cor que tem menor poder emissivo; logo: no inverno devemos andar vestidos de branco.

No verão o problema é outro, e é identico ao das regiões quentes.

Em tempos suppoz-se que os europeus deviam ir para a Africa vestidos de branco, e ainda hoje nas expedições os soldados vão vestidos de branco, e nós munimo-nos para o verão de fatos brancos. Ora isto em parte é errado, porque não se attende a outras condições, e não se considera que em um paiz quente se póde estar ao sol e á sombra.

Souza Martins.

(*Continúa*).

Um gatuno entra no Aljube acompanhado por um policia.

Quando o director appareceu, o gatuno, todo amavel, apontando para o policia:

— Faz favor de deixar passar. Este senhor vem commigo.

Modas da Revista — 1 — Blusa de alpaca guarnecida com babados da mesma fazenda, recortados com renda guipure, plastrão de taffetas preguiado.

2 — Blusa para menina, de *pongée* vermelho com salpicos brancos, guarnecida com entre-meio branco.

3 — Tres feitios de vestidos para o calor, de menina de 6 a 8 annos; qualquer fazenda leve executa bem os modelos.

4 — Vestido para menina de 14 annos, de *voile* branco com fitas vermelhas e renda grossa.

5 — Chapéo de musselina de seda preguiada, com largo véo de applicação, fazendo a volta do rosto e cahindo atraz preso por um botão.

6 — Chapéo de velludo preto, com desenhos dourados, guarnecido do lado esquerdo com uma grande pluma amazona, branca, acompanhando o penteado baixo.

7 — Roupão de linho côr de rosa, enfeitado com grega de velludinho preto.

8 — Roupão de setim azul marinho guarnecido com applicações de renda crême.

9 — Costume de flanella, guarnecido com velludos e pontas de aço,

Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.

REVISTA DA SEMANA

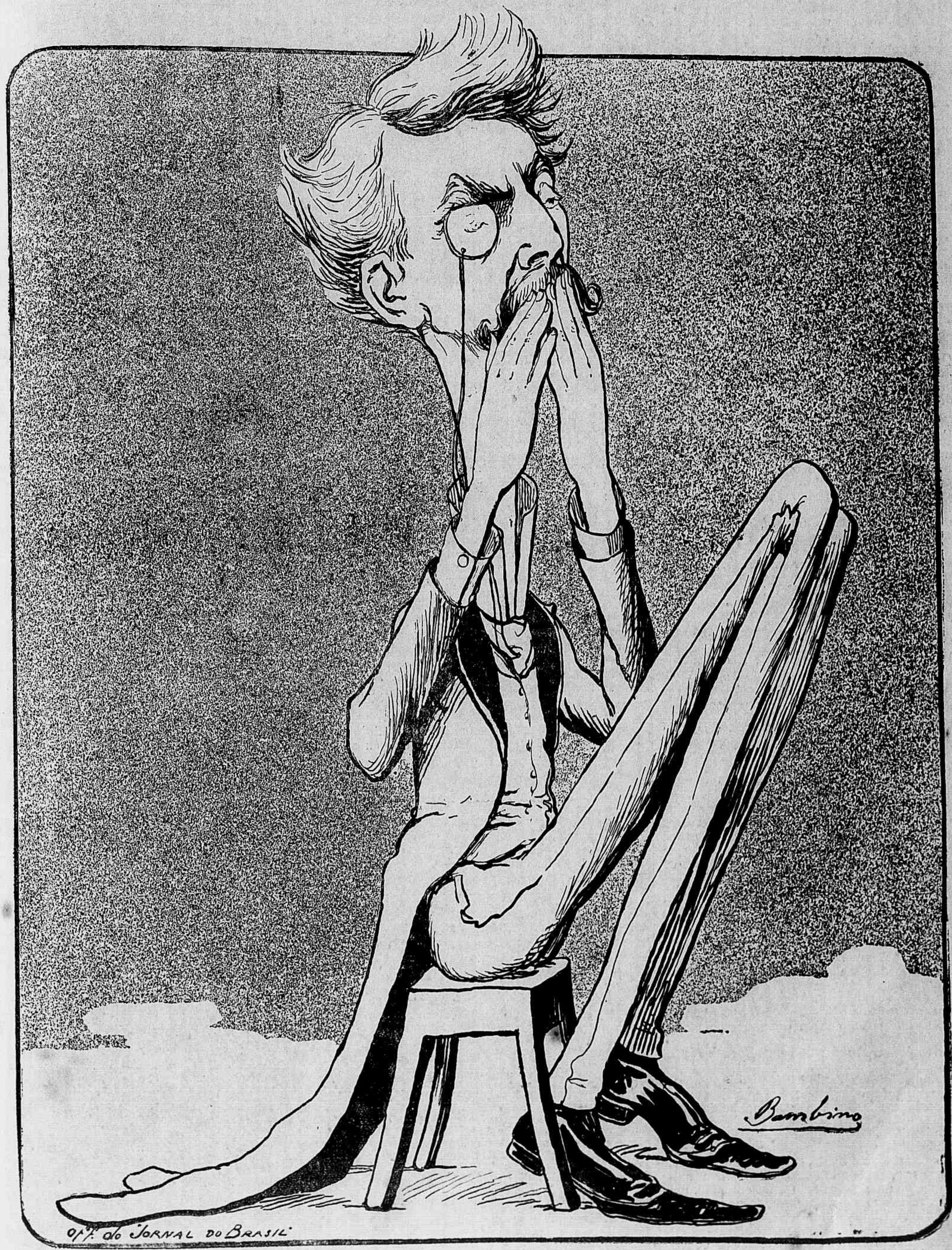
Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, DR. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, DR. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-technico, GASPAR DE SOUZA

Anno III — N. 105 | DOMINGO, 18 DE MAIO | Numero: 300 réis

OS "IMMORTAES" DA "REVISTA"

DR. LOPES TROVÃO



«A palavra é de prata e o silencio é de ouro!»

RAOUL DE NAVERY (88)

OS IDOLOS

XV

AS BARRICADAS DA MORTE

Nessa época já o crime mudava, não de natureza, mas na maneira de pratical-o.

Os assassinatos isolados pareciam mesquinhos empregos, os caminhos de ferro tinham supprimido os ataques ás diligencias; procurava-se tramar grandes emprezas.

O roubo elevára-se á altura de uma sociedade em commandita.

Os bandos organisavam-se com certa regularidade, recrutavam-se em todas as rodas, não desprezavam nenhum auxiliar, e, de tempos a tempos, rompia a noticia que acabava de agarrar-se, de uma feita, um bando, com tenentes, e um capitão, obedecendo a uma hierarchia escrupulosamente respeitada.

Encontrava-se nesses bandos capitães *nanicos* de onze annos, chefes de quinze, commandando homens maduros.

O gráo de malvadez indicava as graduações.

João Machú, por alcunha Rato-de-Adega, foi alistado em uma quadrilha composta dos elementos mais disparatados.

Tinha debaixo de suas ordens moços que traduziam Virgilio e sabiam Horacio de cór; tratava de ter empregados de ministerio que, depois de ter surrupiado pennas e papel das repartições, juntavam a essa industria roubos mais difficeis.

Machû conheceu Flôr do Patibulo em casa de Mathusalém, cuja mesa redonda servia de logar de entrevista geral aos espertos que descobriam boas emprezas a tentar.

Foi Marcos Mauduit que preparou o roubo na casa do negociante Pomereul, graças ás facilidades que lhe dava o seu emprego de secretario.

Que noite, aquella!

João Machû via succederem-se as scenas do duplo crime, como se assistisse á representação de um drama.

Entravam, elle e Flor-do-Patibulo. A porta do cofre, aberta por outra pessoa, patenteava-lhes um monte de bilhetes do banco. Depois, de repente, apparecia um homem. Era mister matar! matar ainda... e os dedos de João Machû apertavam o pescoço do velho, emquanto Lipp-Lapp, o animal fiel, cahia, com o peito ferido pelo punhal de Flor do Patibulo...

Depois, os cumplices fugiam, sem perda de um minuto; deixavam o cadaver do homem já enregelado, o do chimpanzé estorcendo-se na agonia e tornavam a sahir... ouviam ruido... entrava alguem... subia a escada...

— Sulpicio! o padre Sulpicio!

Passou-se então, no cerebro enfraquecido do galé, uma revolução instantanea.

Este nome o galvanisou, em vez de o assustar.

Achava-se só, inteiramente só, n'esse grande cemiterio que não era mais do que um vasto tumulo, e do qual as pedras desappareciam debaixo do peso dos cadaveres, de que as tinham sobrecarregado.

Acabava de rememorar toda a sua vida, vida de vergonha, de crimes, na qual cambiavam-se a lama e o sangue. A' roda delle silenciavam-se as trevas; ao longe, destacando-se da obscuridade, devisavam-se as luzes vermelhas das atalaias do exercito.

João Machû relembrou-se n'esse instante dos conselhos do pae moribundo, do tanger dos sinos de sua aldeia, das exhortações supremas do padre Pomereul, quando o galé, abusando do poder de que a lei religiosa reveste o penitente, fechára os labios do filho sobre o assasinato do pae...

Além de que, com certeza, João Machû poderia certificar que nada existe após esta vida? O Padre Sulpicio acreditava em Deus, pois guardava de maneira tão inviolavel o segredo da confissão.

Na alma do bandido, do sacrilego, do assassino assomou um pensamento bom.

— Se eu restituisse a honra a seu irmão? disse.

Esta idéa robusteceu-se e em breve o dominou. Sómente duvidava que elle a pudesse executar.

Fôra mister para isso sahir do cemiterio, passar pelo meio dos soldados escalonados pela totalidade dos bairros.

— Não poderei mudar de roupa? pensou João Machû.

Tirou prrmeiro a fardeta, ligou o braço com um lenço, e estendeu ambos á roda de si. Reconheceu, ás apalpadellas, o uniforme de um soldado de linha.

Com lentidão de movimentos, justificada por suas numerosas feridas, levantou, uma por uma, as vestes do soldado. Depois, egualmente de vagar, escondeu as suas. Quando conseguiu vestir o uniforme, que elle maculava com seu contacto, um suor frio, resultado do alquebramento, inundou-lhe as fontes, e cahiu de costas.

— Ah! nunca poderei! murmurou.

Entretanto, procurou erguer-se, o que conseguiu com infinitos esforços.

Então, apoiando-se nas lages de marmore, agarrando-se ás balaustradas, ás cruzes, chegou a uma das longas alamedas do cemiterio.

A certa distancia, guiavam-no as fogueiras dos arranchamentos.

As pernas enfraqueceram-lhe, cahiu sobre os joelhos, depois arrastou-se pelo chão. Pouco a pouco, adiantou-se; quando conseguiu chegar perto, de maneira que sua voz se ouvisse, chamou com voz moribunda.

Um soldado ouviu-o, acudiu, e o transportou para perto do fogo.

Algumas gotas de aguardente o reanimaram, e, apezar de seus receios e soffrimentos, aprofundou-se em uma especie de somno, que parecia um deliquio.

Quando reabriu os olhos, vozes amistosas o animaram. Retirou o rosto das vistas honradas que se inclinavam para elle, e murmurou com voz enfraquecida;

— Camaradas... Chaussée d'Antin... padre Pomereul...

— Ora vejam! disse um dos soldados; o padre é aquelle que com tanta valentia foi levantar os feridos debaixo do fogo da batalha de Buzenval... quereis que vos levem para a casa delle?

João Machû acenou affirmativamente.

— Pois bem! como os hospitaes estão cheios, sereis servido já. A primeira padiola que passar será para vós.

Alguns instantes depois, João Machû, estendido sobre a padiola, quasi moribundo e cogitando se teria tempo de realizar o seu projecto, foi conduzido, por dois carregadores, á rua da Chaussée d'Antin.

Tinha, por pejo, posto um dos braços sobre o rosto, e, quando ia passando, mais de um honrado burguez, crendo ver nelle um dos soldados do heroico exercito, descobria-se com respeito.

Sulpicio, Xavier e Sabina estavam reunidos no primeiro andar do palacete, quando o porteiro subiu as escadas alvoroçado, e disse algumas palavras a Baptista que, por sua vez, precipitou-se no gabinete.

— O que queres? perguntou o padre Pomereul.

— Conduzem um ferido para aqui.

— Um ferido?

— Sim, senhor padre: um soldado.

— Vamos, disse Sulpicio a Sabina, recomeça a tua tarefa.

Depois, voltando-se para o seu criado particular:

— Que o façam subir para aqui, emquanto se prepara a sua cama.

Poucos instantes depois, os carregadores conduziam a padiola para o antigo gabinete do sr. Pomereul.

Apenas os portadores, generosamente recompensados por Sulpicio, se retiraram, o ferido ergueu-se na padiola.

O padre, Xavier e Sabina cercaram-no, mas de repente o rosto de Sulpicio tornou-se livido, e o olhar do moribundo lançou relampagos.

— Aqui! disse elle: trouxeram-me para aqui, oh! reconheço bem o logar, bem sei... o cofre aberto... a porta por onde elle entrou... e alli... alli... o logar em que lhe dei o golpe!

— O que diz elle? perguntou Xavier.

— Está delirando, respondeu o padre Sulpicio. Deixa-me só com elle. E' necessario que eu salve esta alma; Deus m'a deve!

(*Continúa.*)

RECREAÇÕES

As soluções dos problemas publicados no nosso numero passado são as seguintes:

Da charada antiga, *Revista*; da pergunta enigmatica, *Lia*; e do jogo de palitos, *Toche*.

Quininha e Mapegui solveram todos os tres problemas; Nhasinha e Glorinha os primeiro e ultimo; Vandorf, Clio, Boer, Carmelita, Condorcet e Heitor Lima os dous ultimos.

Para hoje apresentamos:

PERGUNTA ENIGMATICA (*Sylvia*)

Um typo soffre o desgosto de vêr morrer um burro de grande estimação!

— Ah! exclamou, se eu fosse rico, fazia um enterro sumptuoso ao pobre animal!

— Console-se, meu amigo, nem tudo é como a gente deseja, e demais cada um enterra seu pae como póde.

— *Onde está a obrigação?*

CHARADA TELEGRAPHICA (*Quininha*)

2—Faisca que desce apagada é ridiculo?

CHARADA NOVISSSIMA (*Nhasinha*)

1—2— O quadrupede come na vasilha da taverna.

TORNIQUETE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 89

Florindo.

PROBLEMA N. 90

Qual a mulher que resplandesce?

CORRESPONDENCIA

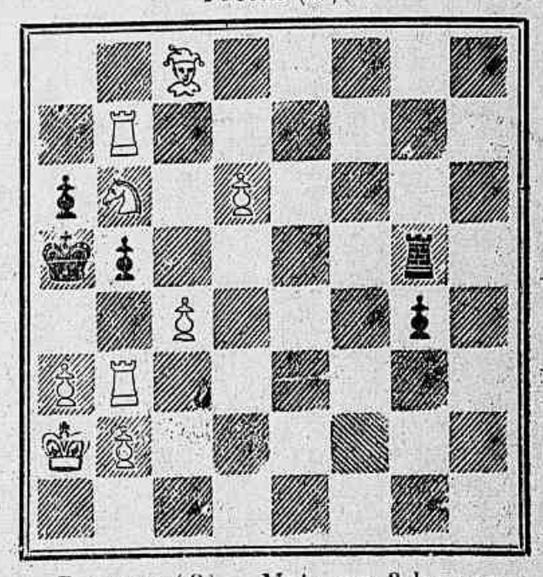
Sylvia e *Quininha*.—Recebemos.
Bacamarte.—Parabens pelo dia de hontem.

Archimedes Junior.

XADREZ

PROBLEMA N. 133—G. HUME (Paris)

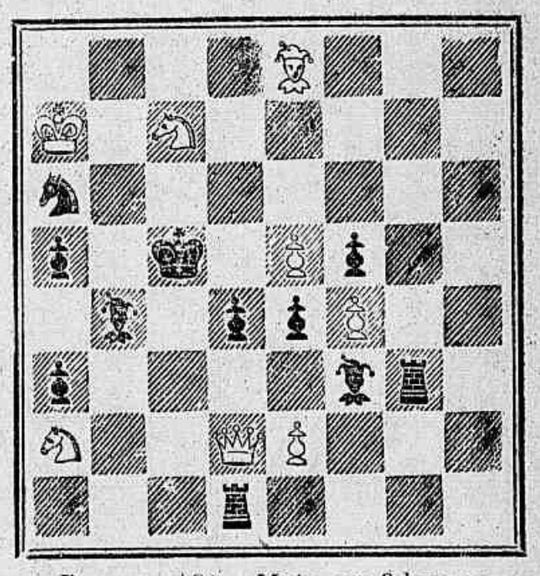
Pretas (5)



Brancas (9) — Mate em 3 lances

PROBLEMA N. 134—C. ERLIN (Vienna)

Pretas (11)



Brancas (8) — Mate em 3 lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 131 (*T. Carreras*)

1—C 7 B, B 5 B x—2—D 6 R! etc.
1—....., R 4 B—2—D 6 T x. dup. etc.
1—....., B × B—2—D 6 R etc.
1—....., B × C—2—D × B etc.

* * *

Resolvido pelos srs.: dr. C. L., Silvano, Theo, K R, mlle. B. E, Eug. Agostini, Salvio, Jofemo, Zozoe dr. B. C. R (Palmyra), H. Leep, Caissano e Curioso.

Partida n. 44—Gambito de Algaier

(JOGADA NO CLUB DOS DIARIOS)

Brancas (H)	Pretas (N. N.)
1 P 4 R	P 4 R
2 P 4 B R	P × P
3 C 3 B R	P 4 C R
4 P 4 T R	P 5 C
5 C 5 C	P 3 T R
6 C × P B	R × C
7 B 4 B x	P 4 D
8 B × P D x	R 2 C
9 P 4 D	D 3 B (a)
10 P 5 R (b)	D 3 C R (c)
11 P 5 T R	D 4 C (d)
12 B D × P! (e)	D × B
13 T 1 B	D 6 C x (f)
14 R 2 R	B 3 R
15 B × B	D × T C x
16 R 3 D	D 6 C x
17 R 4 B	P 4 C x
18 R × P	P 3 T x
19 R 4 B	T 2 T R
20 T 1 C!	Abandonam.

* * *

(a) C 2 R, egualmente classico, offerece partida mais segura.

(b) Os autores recommendam D 3 D ou C 2 R, entretanto a pratica demostra que o lance do texto mantem um optimo ataque.

(c) Se D 4 B, *Brancas* 11—Roque, etc.

(d) D 4 B daria tempo ao desenvolvimento *Pretas* se bem que as *Brancas* mantivessem o seu 12º lance.

(e) Um bello sacrificio.

(f) D 6 R x era preferivel. Desse ponto em diante são infructiferas as tentativas de ataque das *Pretas*, que estão sempre ameaçadas de *xoque-mate*.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a redacção do JORNAL DO BRASIL, á rua Gonçalves Dias n. 54, «Secção de Xadrez».

Heibas.

PHOTOGRAPHIA

Grande sortimento de material photographico, recebido directamente; machinas, chapas, papeis, productos chimicos, etc., etc.

Acaba de sahir do prélo a nova edição do catalogo, contendo as formulas usadas pelos principaes photographos e amadores desta Capital e da Europa.

—«DISTRIBUIÇÃO GRATUITA»—

BASTOS & DIAS

52 Rua Gonçalves Dias 52

SOBRADO

ESPECIFICOS
— DO —
DR. HUMPHREYS

Que toda a familia deve ter em casa uma botica de remedios é uma verdade que não precisa de demonstração. Ha poucas familias cujos meios permittem-lhes mandar vir um medico ou mesmo comprar um remedio na pharmacia, para todo e qualquer incommodo de saúde. Sempre haverá doenças, e em grande numero de familias as ha muitas vezes, e todos devem trabalhar para que sejam reduzidas ás mais ligeiras. Com uma botica dos especificos do dr. Humphreys e o livro de instrucções está se preparado para as emergencias e não só póde-se alliviar, senão curar nove decimos dos casos que se encontram. Se uma criança estiver criando os dentes, poder-se-á dar-lhe allivio; se tiver dor de dentes, de cabeça, esquinencia ou sarampo, poder-se-á cural-a; se acordar á noite com inflammação de garganta, poder-se-á dar-lhe o especifico proprio e ficará curada; se estiver constipada e ameaçada de pneumonia, dá-se-lhe o especifico apropriado, e afasta-se o perigo. Tratando-se assim toda a doença logo que nascer, vence-se antes de tornar-se perigosa.

O RESULTADO é que a saúde dos membros da familia fica cada vez mais estavel e robusta. Soffrerão menos de doenças, tornar-se-ão mais fortes, estarão menos sujeitos á tisica, paralysia, chagas produzidas por febres, males das cadeiras e das costas, ás escrofulas, ao cancro, e ás demais doenças que matam ou tornam a vida pesada. Dando-se estes remedios especificos nos primeiros annos da vida, elles destruirão os germens dessas doenças e por isso estas raras vezes apparecerão depois. Assim conserva-se a saúde e prolonga-se a vida.

CADA BOTICA DOS REMEDIOS vae acompanhada de um manual de instrucções contendo descripções das doenças e instrucções sobre a comida, o regimen e o modo de tomar os remedios. O DR. HUMPHREYS é tambem o autor de um livro maior, O MENTOR, cheio de informações sobre a vida, a saúde, as doenças, e os modos de conservar e restabelecer a saúde. Quem ler ou estudar estes livros tornar-se-á qualificado para conservar sua propria saúde e a da sua familia.

Direcções com cada vidro em cinco linguas: **portuguez, inglez, allemão, hespanhol e francez.**

NS.			NS.		
1	CURA	FEBRES, congestões e inflammações.	19	CURA	CATARRHO, influenza e defluxo.
2	»	FEBRES E MOLESTIAS causadas por lombrigas.	20	»	COQUELUCHE ou tosse convulsiva e tosse espasmodica.
3	»	COLICA, choro e insomnia das crianças, dentição.	21	»	ASTHMA, respirar difficil e opprimido.
4	»	DIARRHEA, em crianças e adultos.	22	»	SUPPURAÇÃO dos ouvidos e dôr de ouvidos.
5	»	DYSENTERIA, colica severe e colica biliosa.	23	»	ESCROFULA, inchações e ulceras.
6	»	CHOLERA, cholera morbus e vomitos.	24	»	DEBILIDADE geral, fraqueza physica e cansaço.
7	»	TOSSE, resfriados e bronchites.	25	»	HYDROPESIA, accumulações fluidas.
8	»	DOR DE DENTE, dores nevralgicas e nevralgia.	26	»	ENJOO de mar, nausea e vomitos.
9	»	DÔR DE CABEÇA, dôr nervosa de cabeça e vertigem.	27	»	MOLESTIAS dos rins, pedras e calculos renaes.
10	»	DYSPEPSIA, indigestão e estomago fraco.	28	»	DEBILIDADE nervosa e fraqueza vital.
11	»	MENSTRUAÇÃO escassa ou suppressa.	29	»	DOENÇAS da bocca e aphta.
12	»	LEUCORRHEA, ou menstruação profunda.	30	»	INCONTINENCIA da ourina, ourinar na cama.
13	»	CROUP, tosse rouca, respiração difficultosa e laryngite,	31	»	MENSTRUAÇÃO dolorosa e prurido.
14	»	HERPES, erupções e erysipelas.	32	»	MOLESTIAS do coração e palpitações.
15	»	RHEUMATISMO, ou dôres rheumaticas.	33	»	EPILEPSIA, baile de S. Vito.
16	»	FEBRE paludosa, intermittente, sezões ou maleitas.	34	»	MAL da garganta e ulceração da garganta.
17	»	HEMORRHOIDAS, simples ou sangrentas, internas ou externas.	35	»	CONGESTÕES chronicas, dôr de cabeça.
18	»	OPHTHALMIA, olhos fracos ou inflammados.	77	»	LA GRIPPE e constipações durante o verão.

Consistindo de globulos agradaveis em frascos proprios para o bolso do collete

BOTICAS DE FAMILIA

1 — Caixa de nogueira preta, contendo 36 especificos acompanhados do Mentor do dr. Humphreys (550 paginas).

13 — Caixa de nogueira com 36 frascos de uma onça, contendo os 35 especificos e o Mentor do dr. Humphreys.

A' venda nas drogarias e pharmacias

Manual do dr. Humphreys, repleto de conselhos uteis ao povo, dá-se gratis a quem pedir nas pharmacias e drogarias e nos agentes e depositarios geraes:

DE LA BALZE & C.

Caixa do Correio 1.002 72 RUA S. PEDRO 72

RIO DE JANEIRO

PRODIGIOSA PREPARAÇÃO

CONTRA A CASPA

e a quéda do cabello

Effeito certo em oito dias

TONICO RODRIGUES

VENDE-SE EM todas as casas de perfumarias

DEPOSITOS:

Casa Merino, rua do Ouvidor n. 129, e rua Gonçalves Dias n. 57.

LU GO LI NA

do dr. EDUARDO FRANÇA

ADOPTADA ATÉ NA EUROPA

Maravilhoso remedio, sem gordura e sem máo cheiro, cura efficaz das molestias da pelle, feridas, frieiras e suor fétido dos pés e dos sovacos, comichões, assaduras do calor, empigens, brotoejas, sarnas, sardas, manchas da pelle, pannos, espinhas, tinha, mordedura de insectos, queimaduras, contusões, golpes; faz a pelle fina.

Em injecções cura as GONORRHEAS, etc.

PREÇO 3$000

DEPOSITARIOS NO BRASIL

ARAUJO FREITAS & C.

114 Rua dos Ourives e 90, Rua S. Pedro, 90

NA EUROPA

CARLO ERBA

MILÃO

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias

RIO DE JANEIRO

A CALLOPEDINA

DE

RODRIGUES

É o unico extractor infallivel dos

CALLOS

VENDE-SE em todas as drogarias e pharmacias

DEPOSITO GERAL

57 RUA GONÇALVES DIAS 57

CACÁO BHERING

PURIFICADO EM PÓ,

IMPALPAVEL

Este producto, composto das melhores qualidades de cacáo, contem todos os elementos nutritivos.

Torna-se indispensavel a todas as pessoas que têm necessidade de uma alimentação ligeira, embora rica de materias azotadas.

Seu emprego é altamente favoravel aos convalescentes, ás crianças, amas de leite, etc.

Vende-se em latas de 1/8, 1/4 e 1/2 kilo.

A. BHERING

63 SETE DE SETEMBRO 63

LOTERIAS DA CANDELARIA

Em beneficio do Recolhimento de N. S. da Piedade

Sob a immediata responsabilidade da mesma Irmandade, decretos municipaes ns. 543, 7 de maio de 1898 e 779, de 3 de novembro de 1900

88 RUA DOS OURIVES 88

PREMIO MAIOR

20:000$000

Só jogam 5.000 bilhetes a 10$000, divididos em decimos de 1$000

Acceitam-se pedidos de numeros certos para todas as loterias. Os pedidos do interior devem vir acompanhados do respectivo sello. As encommendas são respeitadas até á vespera do dia da extracção.

As vendas verificam-se até uma hora antes da extracção.

Agencia geral: 88 RUA DOS OURIVES 88

O agente geral, **JOSÉ JOAQUIM DO ROSARIO**

LOTERIA ESPERANÇA

EXTRACÇÕES DIARIAS ás 3 hora da tarde

12:000$000 por 700 rs., ás segundas-feiras
10:000$000 por 700 rs., ás terças-feiras.
8:000$000 por 700 rs., ás quartas-feiras.
12:000$000 por 700 rs., ás quintas-feiras.
10:000$000 por 700 rs., ás sextas-feiras.
10:000$000 por 140 rs., aos sabbados.

EM 14 DE JULHO

50:000$ por 1$500 | **10:000$** por $300
25:000$ por $750 | **5:000$** por $150

Todos os bilhetes são divididos em fracções de 140 rs. Acceitam-se agentes em todas as localidades do Brasil.

O THESOUREIRO,

Augusto da Rocha Monteiro Gallo.

Caixa do Correio n. 1052.

COMPANHIA
DE
Loterias Nacionaes do Brasil

SEDE: CAPITAL FEDERAL

RUA NOVA DO OUVIDOR 29 e 29 A

Caixa do Correio n. 41

Endereço telegraphico — LOTERIAS

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

EXTRACÇÕES Á RUA S. JOSE' N. 92

Grande Loteria de S. João

EXTRACÇÃO

Sabbado 21 de junho proximo

A'S 3 HORAS DA TARDE

N. 81 — 3ª

500:000$000

Inteiros 15$000 — Vigesimos 750 réis

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes de **Camões & C.**, becco das Cancellas n. 2 A, endereço telegraphico PEKIN, caixa do Correio 946 e **Luiz Velloso & C.**, rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço telegraphico LUZVEL, caixa do Correio 817, as quaes só recebem em pagamento e pagam bilhetes premiados das loterias da Capital Federal e encarregam-se de quaesquer pedidos, **rogando-se a maior clareza nas direcções.**

Acceitam-se agentes no interior e nos Estados, dando-se vantajosa commissão.

LYCETOL GRANULADO EFFERVESCENTE

Preparado pelos pharmaceuticos

CARVALHO, GIFFONI & C.

O **Lycetol** (tartrato de dimethyl piperazina) é o mais poderoso dissolvente do acido urico, e, sob a fórma agradavel e elegante de *granulado effervescente*, corresponde ás seguintes

INDICAÇÕES:

Diathese urica, areias, calculos biliares e vesicaes, inflammações dos rins e da bexiga, rheumatismo, gota, dermatoses inflammatorias, arterio-sclerose, colicas, nephriticas, etc., etc.

MODO DE USAR:

Toma-se pela manhã, ao meio-dia e á noite, na dose ao conteúdo de uma a duas medidas (das que acompanham o frasco) de uma vez, dissolvido em agua simples ou em outro liquido, ou então ás refeições, segundo a recommendação do medico. *(Vide a Bulla).*

Pharmacia e Drogaria de Carvalho, Giffoni & C.

8 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 8

RIO DE JANEIRO

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS DO JORNAL DO BRASIL e da REVISTA DA SEMANA

«JORNAL DO BRASIL»

Uma edição, da manhã ou da tarde, separadamente:

Por anno	30$000
Por semestre	16$000

Duas edições, da manhã e da tarde, conjunctamente:

Por anno	56$000
Por semestre	28$000
Por trimestre	15$000

«REVISTA DA SEMANA»

Por anno (remessa com porte simples)	18$000
Por anno (remessa registrada)	28$000
Por semestre (remessa com porte simples)	10$000
Por semestre (remessa registrada)	15$000

Os assignantes das duas edições do *Jornal do Brasil* receberão gratis, como premio, a *Revista da Semana*. O assignante de uma só edição do *Jornal do Brasil* receberá como premio o *Annuario Illustrado do Jornal do Brasil*.

BATERIAS ELECTRO GALVANICAS

SYSTEMA KNEESE

Privilegios ns. 3.054, 3.054 bis 3.452 e 3.502

Curam todas as molestias do systema nervoso, do sangue, tecidos e orgãos

Usam-se em palmilhas, braceletes, cintos, pulseiras, fundas suppositorios, etc.

Para indicações e informações minuciosas, no Estabelecimento Electro-Galvanico, onde se encontra o medico electrocista Dr. **Alvaro de Lacerda**, ex-interno da clinica electro therapica do Dr. **Gautier e Sarat**, em Paris.

ATTENÇÃO — Os Srs. doentes desta capital ou do interior têm **consultas gratis**, verbaes ou por escripto, e folhetos contendo as molestias, o modo de applicar as baterias, attestados irrefutaveis de curas, pareceres de profissionaes, etc.

ESTABELECIMENTO ELECTRO-GALVANICO

109 RUA DO OUVIDOR 109

1º ANDAR

Os melhores com puro fumo

BAHIA,

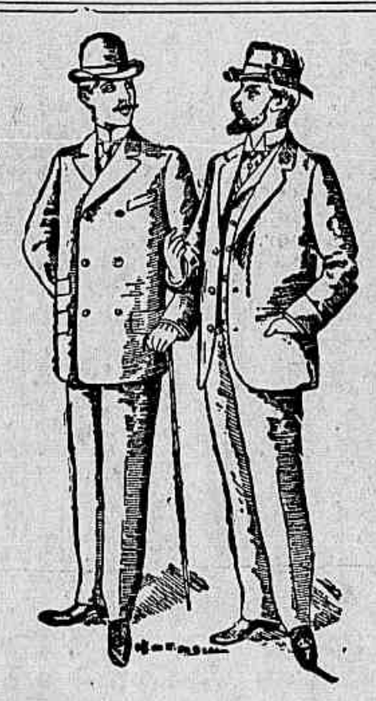
recommendam-se aos bons fumantes.

CHARUTOS feitos á mão **MILHAZES**

A' venda em todas as boas CHARUTARIAS

AGENTE:

Manuel GLZ. Maia



— Onde mandas fazer a tua roupa... vejo-te sempre vestido correctamente!...

— Boa pergunta, na casa Mendonça, rua Gonçalves Dias n. 8.

— E quanto te custa cada terno sob medida?

— Das mais ricas e modernas fazendas, desde 10 $ até 130$, e quando quero ternos mais barato compro dos que ha feitos desde o preço de 55$ até 75$, assim como outras roupas para meu uso, compro-as sempre por preços tão rasoaveis que não vacillo em affirmar; só na casa Mendonça se póde vestir bem e por preços rasoaveis.

ELIXIR ESTOMACHICO DE CAMOMILLA DE REBELLO & GRANJO

APPROVADO

pela exma. Junta de Hygiene e autorisado pelo Governo Imperial

Este **ELIXIR** é de uma efficacia incontestavel e sua acção benefica não se faz esperar nas affecções dos orgãos digestivos, como sejam: *fraquezas do estomago, falta de appetite, indigestões, dyspepsias atonicas, gastralgia, vomitos spasmodicos coticas, flatulencias e acidez.*

Tem este **ELIXIR** a vantagem de se poder usar a qualquer hora, sem dieta nem resguardo, attenuando tambem as *excitações nervosas, dôres de cabeça e do ventre*, regularizando emfim as *evacuações*.

Aproveita sempre ás crianças quando são atacadas pelos vermes, visto encerrar o mesmo **ELIXIR** propriedades anthelminticas.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias

E NA

PHARMACIA GRANJO

(FABRICA)

Rua Primeiro de Março, esquina da de S. Pedro

RIO DE JANEIRO

JEZLER

E' o fabricante de charutos mais antigo e mais acreditado da Bahia. Emprega para a confecção de seus charutos — fumo velho de safras anteriores — Experimentem as marcas: CONCORDIA, IRMÃS, BENJAMIM, VICTORIA, CREME e AROMATICOS.

A' venda em todas as charutarias

E NO

DEPOSITO DOS AGENTES

BOREL & C.

62 Rua da Quitanda 62

UMA SENHORA

offerece-se a indicar gratuitamente a todos os que soffrem de debilidade geral, neurasthenia, prostação, vertigens, anemia, palpitações, enfermidades nervosas e atonicas, um remedio maravilhoso, que uma casualidade lhe fez conhecer. Curada pessoalmente, assim como numerosos enfermos, depois de usar inutilmente todos os medicamentos preconisados, hoje em reconhecimento eterno e como dever de consciencia fez esta indicação, cujo proposito, puramente humanitario, é a consequencia de um voto. Escrevam a Elisa C. de S., rua Aqueducto n. 98, Rio de Janeiro; incluam os sellos.

A Equitativa

Sociedade de seguros mutuos sobre a vida, terrestres e maritimos

EMITTE APOLICES de seguro de vida com resgate **em dinheiro** mediante sorteio annual em vida do segurado, desde o primeiro anno de seguro.

Seguros realizados. . . . 85.000:000$000

Pedir prospectos na SÉDE SOCIAL Á

7 RUA DA CANDELARIA 7

Companhia Typographica do Brazil

GRANDE FUNDIÇÃO DE TYPOS

Rua dos Invalidos, 93 — RIO DE JANEIRO

Representante dos principaes fabricantes da Allemanha e França

TEM SEMPRE em deposito grande quantidade de typos para obras e de fantasia.

ENCARREGA-SE de montar officinas typographicas para jornaes e avulsos, e mandar vir machinas de impressão de todos os systemas.